

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 48000 réis.

Numero pago á entrega. 3090

N.º 17 — VOL. III.

Sabbado 30 de Abril de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Trajo dos camponezes de Pontivy, em França — Esboço sobre a litteratura ingleza, continuação — A menina dos cabellos brancos, continuação — O aqueducto de Tarragona — Os thermes, em Roma, conclusão — Aspecto pittoresco de Lucerna — Memorias do coração, continuação — Alva Estrella, continuação — O lyrio e a rosa — Porque choram? — Anecdotes.

GRAVURAS: — Trajo dos camponezes de Pontivy, em França — O aqueducto de Tarragona — Vista pittoresca de Lucerna.

Historia da actualidade.

As ultimas noticias sobre a questão austro-italiana, fazem presuppor que não ha meio de obstar á guerra entre a Sardenha e a Austria.

— Em Modena houve uma tentativa provocada por muitos individuos que entraram na cidade, gritando: *Viva a Italia!* Foram promptamente dispersados aquelles grupos pelos habitantes.

— As casas particulares em Milão estão atulhadas de soldados austriacos, pois que já não chegam para a tropa os quartéis, e por isso se abolitaram nas vivendas dos habitantes da cidade.

— A Austria que em Janeiro de 1858 não tinha naus de linha já hoje possui duas. Na mesma epoca tinha somente tres fragatas, e agora já tem oito. Tambem não contava mais de quatro corvetas, e este anno já conta nos seus portos onze, das quaes cinco são a vapor.

— Esta esquadra acha-se reunida em Malamo, e está ás ordens do commodoro Scopinich.

— A Toscana tem fornecido um poderoso contingente de voluntarios á Sardenha.

— O batalhão Maleschini, composto de oitocentos voluntarios de Leonne, já partiu para o Piemonte. Após este seguiu-se outro corpo de quatrocentos voluntarios da Romania.

— Em vista das noticias da Italia, o imperador dos francezes tomou o commando em chefe do exercito.

— Escrevem de Londres que houve no rio Tyne um abaloamento entre os vapores *Bruiser* e *Britania* havendo apenas tempo para salvar os passageiros d'este ultimo.

— Hoje sabbado hade ser a estreia da companhia hespanhola no *Café Concerto*.

— Fez-se com a devida decencia a antiga procissão de Nossa Senhora da Saude, sendo muito concorrida por officiaes do nosso exercito, e pessoas da mais elevada classe. Cinco musicas a acompanhavam.

— Sua magestade a rainha a senhora D. Estephania mandou fazer no estabelecimento que foi do senhor Raymundo José Pinto, um novo diadem

ma, no valor de dez contos de réis, entre brilhantes, rubins, e esmeraldas.

— Sexta-feira celebraram-se na igreja de Santa Isabel os desposorios do senhor visconde de Monção com a ex.^{ma} senhora D. Luiza Caldeira.

— A camara municipal vae pedir ao senhor governador civil que approve para a nova rua desde a da Palma até aos Anjos, o nome de *Rua da Imprensa* em homenagem aos esforços que a imprensa politica tem feito para a abertura da dita rua.

— Na ordem da Trindade, no Porto, ha asylado um individuo que conta cento e cinco Janeiros.

— No hospital de Santo Antonio da mesma cidade está recolhida tambem uma velha, que tem cento e vinte annos.

— Os austriacos tem occupado militarmente os ducados de Toscana, Parma, e Modena, pelo que o cardeal legado protestou energicamente.

— Uma divisão austriaca de oitenta mil homens avançou sobre o Tessino.

— Tem saído de Paris para varios pontos da fronteira os corpos de exercito destinados a operar se rebentar a guerra. O general Canrobert já partiu para o seu destino, e o marechal Baraguay de Hilliers foi tomar o commando do primeiro corpo de exercito dos Alpes.

— A diplomacia russa tem empregado grandes esforços para conseguir da Prussia que fique neutral na pendencia.

— O doutor Normandy, chymico francez residente em Londres, acaba de resolver, segundo se affirma, o problema de converter a agua do mar em agua doce, por via de um apparelho que inventou.

— As recitas da nova companhia hespanhola no theatro do Gymnasio tem produzido boas enchentes, e bello acolhimento do publico.

— O theatro de S. Carlos continua aberto mais algum tempo, afim de poderem abi dar-se representações nos dias de festejos pelo consorcio da senhora infanta D. Maria Anna.

— Foi declarado em estado de quebra a firma Collares & Irmãos com estabelecimento fabril de folha branca n'esta capital.

— Já chegou ao Porto, e deu sua primeira representação no theatro *Baqet*, a companhia lyrica de opera-comica italiana que em Lisboa representou no theatro italiano.

— A municipalidade de Paris resolveu offerecer a mr. de Lamartine vastos terrenos no bosque de Bolonha, com uma casa construida á custa do mesmo municipio.

— Consta hoje por parte telegraphica que desembarcou em Genova uma das divisões france-

zas que deviam partir de Toulon para a Italia. — Os cereaes acabam de ter em Londres uma subida extraordinaria.

— Novo despacho telegraphico de hoje diz que o exercito austriaco atravessou finalmente as fronteiras do Piemonte, e que o exercito piemontez se retirou sobre o Tessino.

— O senhor D. José d'Almada acaba de escrever para o theatro normal uma comedia intitulada *O theatro e a moral*.

— Os senhores viscondes da Luz, e Eduardo Lessa chegaram no dia 25 a Coimbra, e seguiram para o Porto, aonde iam para objecto de serviço.

— Em Coimbra ha agitação em consequencia do projecto de transferir para Lisboa o conselho superior de instrucção publica.

— Na terça-feira da corrente semana foram os officiaes da curveta brasileira *Bahiana* depositar sobre o sarcophago do imperador D. Pedro, em S. Vicente de Fora, uma corôa de perpetuas, enlaçadas com fitas verdes e amarellas, n'uma das quaes em letras doiradas se lê: *«corveta Bahiana, Abril 26 de 1839.»*

— Em Djidjeli, na Algeria sentiu-se em a noite de 23 de Março um forte tremor de terra.

— O tenor Mirati, que ha pouco cantou em o nosso theatro de S. Carlos, está fazendo furor no theatro italiano de Londres.

— Tem apparecido quadrilhas de salteadores nos concelhos de Arruda, e Torres Vedras.

— Affirma-se que dentro em pouco vae começar a construcção de um grande caes no edificio da alfandega grande de Lisboa.

— O senhor ministro da fazenda pediu autorisação ás côrtes para despendir até á quantia de quatro contos de réis com a trasladação de Roma para Lisboa dos ossos da senhora infanta D. Anna de Jesus Maria, e erecção do respectivo monumento.

— El-rei de Naples acha-se gravemente enfermo, e não ha esperanças de o salvar.

— No dia 6 do corrente pregou-se a ultima estaca que ligou os dois paredões do sul, das obras a que se procede na barra da villa da Figueira.

— Foi brilhantissimo o baile que o club Lisbonense deu n'esta cidade para celebrar o seu vigésimo quinto anniversario.

Trajo dos camponezes de Pontivy, em França.

E' a França uma das nações, onde se vê mais variedade de trajos populares. Os usos e costumes

variavam tanto nas suas diferentes provincias como o vestuario dos habitantes.

Todavia, na actualidade dá-se isto unicamente nos camponezes, que habitam as aldeias mais distantes das grandes cidades. A facilidade das communicações, e o derramamento da instrução vão uniformizando em todo o paiz os usos, e costumes. O viajante, que quizer conhecer esses velhos costumes, que em breve desaparecerão do solo da França, como não tardarão a desaparecer da Europa, apar das nacionalidades, que ainda hoje servem de barreiras aos povos, terá de percorrer pelo interior das provincias, afastando-se, como dissemos, dos grandes centros de povoação, dos caminhos de ferro, e mesmo das principais estradas communs. Mas ficará bem pago certamente das suas fadigas pelos quadros cheios de interesse e novidade, que se apresentarão aos seus olhos e á sua intelligencia. Ahí verá costumes patriarchaes em toda a sua simplicidade, e os antigos trajes nacionaes dos camponezes em toda a sua pureza, uns de feitios singulares e extravagantes, outros de notavel elegancia, e de muita belleza.

Os que fazem o objecto da estampa, que vae junta a este artigo, pertencem a esta ultima classe, e são os dos camponezes de Pontivy, na antiga provincia da Bretanha, que é d'entre todas as antigas provincias da França, onde se conservam com mais perseverança os velhos usos e costumes populares.

Nenhum outro traje francez se pode comparar em elegancia ao dos camponezes de Pontivy nos seus dias de festa. É coisa muito para ver o garbo das raparigas com seus jalecos de panno de lã, todos guarnecidos de fitas, e mui justos ao corpo; duas saias, sendo a superior um pouco mais curta, e com sua barra de côr diversa por baixo; uma cruz lançada ao pescoco, enfiada em cordão de seda ou ouro; e na cabeça uma touca, de forma singular, mui alva e bem engomada, sem mais enfeites que rendas ou folhos cingindo-lhe o rosto, e caindo-lhe sobre os hombros.

O traje dos homens não é menos bello e pittoresco. Vestia de panno de lã de côr escura, guarnecida pela frente com uma lista escarlate, onde prendem os botões; collete de fazenda clara acerado, e mui comprido, com tres fexas transversaes de côr escura na parte superior do peito; cinta sobre o collete apertada com fechos de metal; calças compridas de panno escuro, justas, e apertadas debaixo dos joelhos com umas ligas de seda amarella, e ás vezes de galão de ouro, tendo por baixo a mesma guarnição; chapeo grande, de abas reviradas, com sua fita e grandes borlas; cabellos longos, caindo sobre os hombros.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação.*

GEORGE WHETSTONE.

Poeta e dramaturgo, este escriptor nasceu pouco mais ou menos em 1530. Segundo elle nos affirma, tentou as fortunas da côrte; mas conhecendo em breve o erro assentou praça, distinguindo-se de maneira corajosa e exemplar. Conferindo-se-lhe mais postos do que se lhe davam de salarios, chegou-lhe o desespero ao auge, e transformou a espada em arado.

Não nascera porém o militar para se servir da charra. O sangue pulava nas veias de Whetstone, que, entusiasmado, ambicionava a gloria. Assim pois preparou-se para acompanhar o capitão *Syr Humfrey Gylbert*, a fim de restaurar e melhorar as possessões inglezas em *New Foundland*. Em 1579 estavam os navios prestes a seguir viagem; mas havendo desintelligencia entre a tripulação, foram por esta abandonados, ficando firmes no seu posto meia duzia de aventureiros, entre os quaes se contava o poeta.

D'esta epoca em diante a escacez dos meios de subsistencia forçou George a depender da penna para manter a vida. Nada mais se sabe d'elle, nem mesmo a data do seu fallecimento.

Escreveu as obras seguintes:

(*) Do num. 15

The Roche of Regard, divided into four parts; The Castle of Delight; The Garden of Unthriftiness; The Arbour of Virtue; The Orchard of Repentance, 1576. (O rochedo da attenção, dividido em quatro partes: O castello do deleite: O jardim da prodigalidade: O caramanchão da virtude: O pomar do arrependimento). — A remembrance of the *Wel employed Life and Godly End of George Gaskoigne* (ou *Gascoigne*) *Esquire, 1577.* (Recordação da bem empregada vida, e devoto fim do senhor *Jorge Gaskoigne*.) — *The right excellent and famous Historie of Promos and Cassandra, divided into two commicall discourses, 1578.* (A verdadeira excellente e famosa historia de *Promos* e *Cassandra*, dividida em dois discursos comicos). — *An Heptameron of civill discourses concerning the Christmasse exercise of sundrie well-counted gentlemen and gentlewomen, 1582.* (Um Heptameron de discursos politicos sobre os exercicios do natal de diversos senhores e senhoras bem tidas). Apareceu reimpresso em 1593 com o nome de *Amelia*. É uma imitação livre do *Hecatomithi* de *Giraldo Cinthio*. — *A Mirour for magistrates of cyties; and hereunto is added, a touchstone for the time, containing many perillous mischiefs bred in the bowels of the citie of London, by the infection of some of those sanctuaries of iniquity, 1584.* (Espelho para os magistrados das cidades; ajuntando-se-lhe aqui uma pedra de tocar para o tempo, contendo muitas perigosas maldades creadas nas tranhas da cidade de Londres, pela infecção de alguns d'esses sanctuarios de iniquidade). — *A Mirour of true honour and christian nobilitie, exposing the life, deat, and divine virtues of Francis Earle of Bedford, etc., 1585.* (Um espelho da verdadeira honra e nobreza christã, expondo a vida, morte, e as divinas virtudes de *Francisco Earle de Bedford*). — *The english mirour: a regard wherein al estates may behold the conquests of envy, etc., 1586.* (O espelho inglez, onde todos os estados podem ver as conquistas da inveja). — *The honorable reputation of a souldier; drawn out of the lives, documents, and disciplines of the most renowned Romaine, grecian, and other famous martialists, 1585-6.* (A reputação honrada de um soldado, extrahida das vidas, documentos e disciplinas dos mais famigerados e famosos guerreiros romanos e gregos). — *Syr Phillip Sidney; his honorable life, his valiant death, and true virtues, a perfect myrror for the followers both of man and Mercury, 1586.* (*Sir Phillip Sidney*, sua vida honrada, sua morte valente, e verdadeiras virtudes; um espelho perfeito para os imitantes tanto de homem como de *Mercurio*). — *The censure of a loyal subject upon certaine noted speache and behaviours of those fourteen notable traitors (Ballard, Babington, etc.) as also of the Scottish queen, now cut of by justice, as the principall roote of all their treasons, 1586.* (A censura de um leal vassallo, sobre certas fallas, e proceder assim d'aquelles quatorze traidores notaveis (*Ballard*, *Babington*, etc.), como da rainha escocesa, presentemente cortada pela justiça, como a principal raiz de todas essas trações). — *The lyfe and death of the great and honorable magistrat sir Nycholas Bacon, late lord Keeper. (A vida e morte do grande e honrado magistrado *sir Nycholas Bacon*, fallecido lord guarda sellos). — *The lyfe and death of the good L. Dyer. (A vida e morte do bom L. Dyer). — The lyfe and death of the noble Earle of Sussex. (A vida e morte do nobre Earle de Sussex). — A Panoplie of devices. (Uma panoplia de invencões). — The image of christian justice. (A imagem da justiça christã).**

Continua.

F. E. PAYANT.

A menina dos cabellos brancos.

Continuação.

II

Helena, a joven de cabellos brancos, mostrava tanto na physionomia como no corpo, pequeno mas

(*) Poeta mediocre que viveu pelos annos de 1530-1578. As principaes obras que escreveu foram: — *Queixumes de Philomela*, e o *Espelho do aço*.

esbelto, não ter mais de dezeseis annos d'idade; talvez tivesse dezotto ou vinte, mas isso é totalmente indifferente para o leitor: o que lhe importa saber é que a menina era formosa, gentil, discreta e amavel. Tinha uns olhos negros que brilhavam como carbunculos, uns beiços vermelhos que envergonhavam a côr da romã, uns dentinhos claros, sãos, eguaes, que escureciam o marfim; o collo de uma alvura e de um polido, que reflectia os objectos que a cercavam; a mão de imperatriz, mas, sinto dizel-o, o pé não lhe correspondia, posto que não fosse disforme; sinto dizel-o, porque o leitor hade adorar, por força, um pézinho estreito e arqueado; e mais ainda, porque nunca encontrei nos romances heroica que não tivesse o pé seductor. Mas enfim, como isto não é novella, mas sim uma verdadeira historia, terá o leitor de contentar-se com a realidade.

Aquelles cabellos brancos, moldurando faces rosadas, faziam recordar as voluptuosas mulheres da Regencia, encanecidas artificialmente; era a natureza a reproduzir um capricho das casquilhas do seculo passado; e para que nada faltasse na imitação, tinha Helena nas faces dois ou tres signaes escuros, como os que pintavam as janotas de Versailles.

A figura pequena e airoza da hespanhola, de cintura de vespa, braço e mão torneados artisticamente, e vestida com luxo e primor, fazia ainda lembrar a infeliz *Dubarry*, que expiou no cadafoço as culpas de um reinado ephemero, victima talvez da inveja implacavel das mulheres feias do seculo.

Helena trajava vestido de *mousseline*, de man-corta, mas orlada de custosas rendas, d'entre quaes saía o braço, menos alvo do que o seio, ta vez por muito exposto ao sol, mas não menos bello de colorido; um ligeiro bracelete esmaltado na cava o começo da mósinha, cuidadosamente e condida em luva côr de palha; uma fita de seda mesma côr a cingia...

Cintura mais delicada

Nunca outro cinto apertou...

E calçava botinhas de pellica bronzeada, com r-setas e passamanes.

Por sobre os canudos de seus alvos cabello poisava, graciosamente caído sobre a orelha direita, um d'estes chapelinhos modernos de palha e cura, com veo e pluma negra, a que, na falta d'outro nome melhor, darei a denominação de cha-peo à *pastorinha da Arcadia*. Dos hombros caia-lhe com gosto, mas sem estudo, uma mantilha de rendas

Agitava, quasi com phrenesi, um leque da China, com aquella arte peculiar ás filhas de Hespanha, e com a outra não fazia gyrar incessantemente a luneta de ouro que lhe pendia em um cordão d'cabello escuro; fallava com igual mobilidade, e e seus olhos fulgurantes acompanhavam as palavras como a completar a expressão; em delicadeza d'phrase, em suavidade de voz, em comedimento de gestos não podia ser excedida!

Infelizmente para o leitor o retrato fica muito áquem do original, e este não pode ser admirado em Lisboa; quem não a viu aqui, e se não resolver a fazer uma longa viagem, tem de contentar-se com a copia, por muito tosca que ella seja.

Foram deliciosos os momentos que passei com Helena, e desde essa feliz hora entendi que a pobre menina era victima da calumnia, sem me incommodar mesmo a pedir-lhe explicações acerca do que me tinham contado a seu respeito. Quando digo que passei momentos deliciosos com Helena, entenda-se bem que me refiro ao prazer da conversação com uma mulher espirituosa, sem ser *blue-stocking*, ou preciosa ridicula; e mais nada.

O criado veio dar parte de que estava prompta a *cateche*, e a menina estendendo-me a mão em cordial despedida, offereceu-me a *casa de seu tio*, no campo e na cidade, com as mais sinceras mostras de que desejava as minhas visitas de bom amigo.

E saiu!... Subiu com donaire á carruagem... den o signal da partida... e desapareceu logo, occulta pelo avaro argulo do muro da estrada!

Tive tentações de correr atrás da *cateche*, e ir-lhe fazer, em continência, a minha primeira visita; porém lembrou-me que a veria á noite na

arrayal, segundo o que ella me dissera, e resolveu aguardar essa hora com resignação evangelica.

Aquella tarde pareceu-me interminavel... mas enfim acabou, como tudo acaba; e o sol mergulhou-se no occaso, e o manto azul ferrete do ceo começou a recamar-se de estrelas. Dirigi-me para a quinta da Fidalga, que ficava a pequena distancia da minha casa.

A festa estava no seu auge. As lavadeiras do sitio, adornadas de grossos cordões e arrecadas de ouro, gyravam em doidejantes polkas e walsas nos braços dos saloios mais polidos e tambem de alguns *casacas* da cidade; e a *guerrilha* musical, com suas fardas de phantasia e fluctuantes plumas nas barretinas, acompanhava a dança com guinchos descompassados; os festeiros, apesar de ainda não haver do novo, já apregoavam com voz rouquenha os *cargos* do arrayal; e os gaiatos corriam alvo-roçados, gritando, e socando-se mutuamente, para alcançarem as canas dos foguetes que caíam aqui e acolá; nos assentos de pedra, em roda do muro, estavam sentadas as tafulas da corte (as *banhistas*, como vulgarmente por lá lhe chamam) acompanhadas dos parentes, dos amantes, dos amigos, dos conhecidos, enfim dos janotas de Lisboa.

Cavalgando a luneta no nariz comecei a passar revista ao exercito do *bouton*, e não tardou que me encontrasse em terra de amigos; sob copada arvore conversavam em grupo varias pessoas do meu conhecimento, isto a que se chama os *nostros numerosos amigos*, e entre elles estava Emilio.

—Sê bem vindo, disse este apenas me avistou; quero apresentar-te um amigo, que talvez conhecesses em alguma das tuas viagens. E' o senhor Antonio Pinto, incansavel viajante, que acaba de fazer um gyro pela Alemanha, França, Italia e Egypto.

Um seu criado, meu senhor, accrescentou, apresentando-se a si mesmo, o originalissimo senhor Pinto. Originalissimo digo, e vereis que justifica o epitheto na sequencia d'esta obra.

Respondi-lhe com as banalidades do estylo, e demos o infallivel *shake-hands*.

Era a primeira vez que via o senhor Pinto, mas sympathisei instantaneamente com elle. O olhar penetrante que atravessava os seus oculos de aros doirados revelava uma grande finura de espirito, que elle tratava de occultar em phrase não muito polida, e em modos excessivamente bruscos, o que lhe valera no sitio a pouco lisonjeira alcunha de *Flor da brutalidade*.

Os janotas que o cercavam, inclusivê Emilio, procuravam metter-o a ridiculo; porém o senho: Pinto não só parava muito bem os golpes, como respondia com hotes certos, que feriam a susceptibilidade dos seus adversarios, posto que elles tratassem de o occultar; depois de meia hora d'este certame, durante a qual eu me conservei silencioso, Flor da brutalidade enlaçou familiarmente o seu braço no meu, e arrastando-me com a maior sem-ceremonia para fora do grupo, disse:

—Contaram-me que o senhor *escrevinha* de vez em quando o seu *liérito*. . . eu gosto de ler, não obstante parecer homem do matto. . . conversemos um pouco, se não tem que fazer.

—Com todo o gosto, amigo, em quanto não chega uma mulher a quem desejo fallar. . . Olhe que não é namoro. . .

—O que tenho eu com as vidasalheias! Minha mulher não namora você, porque eu sou solteiro. . . nem a minha amante, porque não a tenho.

Em seguida, mudando de tom, começou a fazer uma apreciação da litteratura moderna, comparando-a com a antiga, que conhecia e apreciava com fino tacto, e revelou um immenso talento critico, posto que ás vezes avançasse opiniões insustentaveis, talvez para me experimentar.

Ria eu a bom rir de um dos seus paradoxos, quando avistei Helena, que entrava na quinta encostada ao braço de um velho; e usando de franqueza igual á do meu interlocutor, despedi-me bruscamente d'elle, prometendo ir no dia seguinte encentral-o no Dá-fundo aonde Pinto costumava jantar quasi sempre.

Um momento depois era apresentado por D. Helena a seu velho tio (ou ultimo amante, segundo a *voz populi*) e passados poucos minutos mais passeava só com ella pelo arrayal, com grave es-

candalo das honestas matronas e homens serios que nos viam.

Ao perpassar por Herminia, ouvi que ella dizia a meia voz para Emilio.

«Parece incrível que o seu amigo se atreva a passear com uma mulher d'estas!

Ri-me, e continuei a arrostar com a opinião publica, mostrando-me cada vez mais satisfeito da boa companhia em que andava.

Emfim chegou a hora de nos separarmos; vi partir Helena com o *tio da America* (como chamava Emilio ao velho millionario), e encostando-me ao tronco de uma arvore, fiquei aparentemente olhando para aquella especie de pandemonium saloio, mas na realidade cego para tudo que me cercava, e só absorto na imagem que fugia velozmente pela estrada, na menina dos cabellos brancos!

Peço ao leitor que me não julgue apaixonado por Helena. . . enganava-se. Não faça juizos temerarios. A minha extraordinaria sympathia por aquella encantadora creatura, era um impulso de reacção contra a sociedade, tantas vezes injusta, calumniadora, invejosa. . . Não podia acreditar que Helena fosse uma mulher depravada; tomava pois a defesa do fraco contra o forte!

Talvez que, se se tratasse de uma velha desdentada, não mostrasse tanto calor na questão, isso confesso eu, porque sou peccador. . . mas atianço ás amaveis leitoras e benevolos leitores, que nunca me passou pela cabeça *fazer a corte* á menina dos cabellos brancos, mesmo porque eu tambem os tenho, e não são temporários como os de Helena.

Quando me dispunha a voltar para casa, encontrei uma familia da minha amizade que tambem recolhia para a sua habitação; offereci ás senhoras, (verdadeiras senhoras, honestas sem hypocrisia), acompanhá-las até á *Boa viagem*, aonde residiam, o que foi accedido, e seguimos a pé aquella bonita estrada, que a luz mundava de suave luz.

A maledicencia não entrou na animada conversação que estas senhoras sustentaram até á porta do antigo convento da Boa viagem, aonde hoje se encontra uma serie de aposentos commodos e elegantes; ali me despedi d'ellas, e como não tivesse somno resolvi prolongar o passeio pela beiramar na direcção de Caxias.

A sentinella do palacio real bradando: Quem vem lá? . . . accordou-me da nova abstracção em que caíra desde que ficara sózinho; e vendo então que já estava muito longe da Cruz quebrada, tornei pelo mesmo caminho que levava.

Dia de extraordinarios phenomenos tinha de ser para mim este da festa do Senhor Jesus dos Afflictos.

Ao chegar a *Gibraltar* ouvi duas vozes, uma de mulher outra de homem, que fallavam baixo, porém tão perto de mim que distinguia o que diziam; não querendo servir de estorvo a dois amantes, escondi-me atraz de um laço de muro meio derrocado, porém nada via porque uma espessa nuvem occultava completamente o disco da lua.

A voz da mulher soou mais de rijo do que antes, dizendo: Não caías!

E pareceu-me que era a voz de Herminia. . . mas não podia ser!

De repente o luar illuminou de novo a estrada. . . Eu asteeitei a luneta. . .

Emilio subia por uma escada de corda, segura ás grades de uma janella, sobre a qual se debruçava Herminia.

O' santa virtude! . . . Continua. F. M. BORDALO.

O aqueducto de Tarragona.

Por toda a parte onde os romanos estenderam o seu dominio, deixaram grandiosos e duradouros padroes dos seus maravilhosos progressos nas sciencias e nas artes, padroes d'essa brilhante civilisação, que ainda hoje admiramos, e que em muitas coisas debalde nos esforçamos por imitar.

Os romanos foram um povo conquistador, como muitos outros povos o tem sido; mas no que mais se differenciaram de todos os que os precederam, e lhes succederam, foi em dotar immediatamente os paizes conquistados com os grandes beneficios, que elles proprios tiravam da sua civilisação. Não com-

batiam com a mira sómente nos despojos da victoria. As suas aspirações eram muito mais elevadas. Pelejavam para conquistar. Conquistavam para possuir. Possuam, finalmente, para conservar, melhorar, e augmentar.

Este espirito das suas conquistas e a fé que tinham na perpetuidade do seu dominio, revelam-se perfeitamente na grandeza e utilidade das obras, que emprehendiam para as commodidades e gosos da vida em qualquer canto do mundo, que pisassem. Os restos de bellas estradas, de solidas pontes, de magnificos aqueductos, de templos sumpuosos, de edificios publicos de banhos, de theatros, circos, arcs triumphaes etc, são os vestigios, que recordam em quasi todo o antigo continente a existencia do povo romano.

O aqueducto, que a estampa representa, é um d'esses monumentos, que em linguagem muda, mas energia, tanto honram e exaltam a vigorosa organisação e sabia administração d'aquelle povo.

Eleva-se este aqueducto a uma legua de distancia de Tarragona, cidade da Andaluzia. Depois do de Segovia é a melhor obra d'este genero, que os romanos construíram na Hespanha.

Começava o aqueducto no sitio hoje chamado *Ponte d'Armentera*, onde recebia o primeiro manancial, e d'ahi continuava até á cidade de Tarragona, na distancia de umas seis ou sete leguas, tomando no caminho as aguas da ribeira *El Hospital*.

No seu longo curso ia o aqueducto ora superior aos terrenos, ora atravessando as entranhas da terra, e n'alguns sitios rocha viva. A arcaria, que a estampa mostra, ao presente chamada *Ponte de las Ferreras*, era a principal obra d'arte do aqueducto, e é actualmente, apesar d'algumas ruinas, a mais bem conservada.

Consta de duas ordens de arcs, a inferior com onze, e a superior com vinte e cinco. Tem de altura uns cento e vinte e oito pés, e de comprimento coisa de seiscentos e sessenta.

Parece que esta obra foi emprehendida nos primeiros tempos do imperio romano. O architecto não se limitou a unir as duas collinas com uma ponte quanto bastasse para dar passagem ás aguas. Quiz que essa construcção fosse cheia de nobreza e de elegancia, adornando-a tambem com algum esmero.

Os materiaes de que foi feita, foram extrahidos das proprias collinas, que o aqueducto liga, e consistem numa qualidade de pedra de cor avermelhada, porosa e branda ao trabalhar, mas que se torna consistente, e bastante dura pela acção do ar.

As invasões e guerras, que se succederam á dominação romana: as devastações dos homens, e do tempo, foram causa de que as purissimas aguas de Armentera deixassem de chegar ao seu destino.

Por longa serie d'annos viram-se obrigados os tarragonenses a beber agua salobra, até que no seculo passado um dos seus arcebispos, chamado D. João Antonio de Rovra, resolveu fazel-os gosar novamente do beneficio com que os romanos tinham dotado a sua cidade. Porém na obra moderna aproveitou-se só parte da antiga, porque se reconhecera ser melhor, e mais economico construir um novo aqueducto de certo ponto por diante, evitando assim uma extensa volta, e uma reconstrucção muito difficil e despendiosa.

Na parte do velho aqueducto então abandonada entrou, infelizmente, o que na construcção romana havia de mais bello e grandioso — a dupla arcada, que hoje denominam *Ponte de las Ferreras*.

A cidade de Tarragona mostra nas ruinas do seu amphitheatro, do palacio de Cesar Augusto, e de outros grandes monumentos, o grau de esplendor a que chegou, quando era colonia do imperio romano.

I. DE VILHENA BARBOSA.

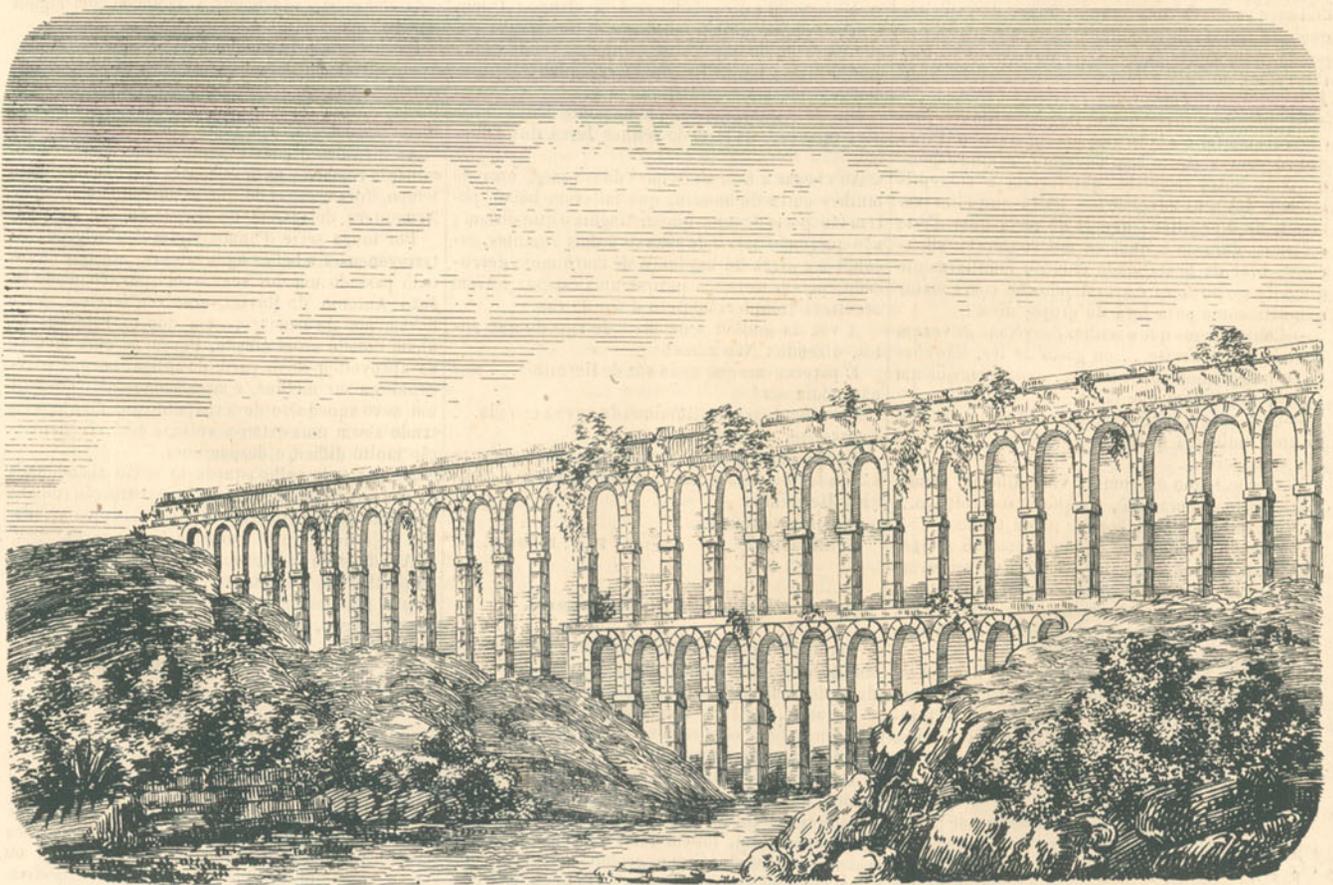
Os thermes, em Roma.

Conclusão.

Variava muito o modo de tomar o banho nos thermes; contudo os pontos geraes d'esta pratica eram: primeiro, o banho de estufa humido ou secco, quer um, quer outro, ou ambos successiva-



Camponeses de Pontivy, em França.



Aqueducto romano de Tarragona.



Uma vista pittoresca de Lucerna

mente; segundo, o banho tépido, muitas vezes com unção; terceiro, as abluções ou imersões frias no *frigidarium*; quarto, a esfregação, em temperatura branda. Podia-se também sem sair do *calidarium* ou *laconicum*, parar a transudação por abluções ou imersões na piscina de água fria, que estava no centro. Aquelles que ordinariamente se não entregavam aos exercícios, provocavam primeiro o suor, pondo-se bem embebidos junto aos vapores tepidos do *tepidarium*: d'ahi passavam, como os que se tinham empregado na gymnastica, porém muito mais tempo do que elles, ao *calidarium*, onde transpiravam ainda mais abundantemente. Depois d'estes banhos de estufa, tomavam-se muitos banhos em temperatura decrescente até a água ser fria. Aquelles que especialmente desejavam entregar-se à natção escolhiam ou as piscinas de água tépida, ou a grande bacia em temperatura ordinaria.

Galieno diz, porém, que era o costume entrar primeiro no *laconicum* para ahí ter a sudação; descia-se depois ao *loutron*, piscina de água quente. Para se conseguirem abundantes suores, mergulhava-se rapidamente na água fria, e voltava-se depois para a doce atmosfera do *tepidarium* onde se procedia às fricções e unções. O *oleum jasmium* (óleo de jasmim) era empregado abundantemente, até mesmo antes da imersão, para a pelle ficar melhor impregnada da sua essencia. Finalmente acabava-se a toilette no *apodyterium*, chamado também *espoliatorium*, onde estavam cabelleiros para prepararem a barba e os cabellos.

Não era só com o fim hygienico que se ia aos *thermes*: também d'elles se tirava grande partido em relação à therapeutica. Era um grande recurso contra as affecções cutaneas e articulares, dôres, feridas antigas, e toda a casta de molestias chronicas. Também se empregavam os banhos continuamente quentes ou frios, nas febres continuas, e especialmente nas intermittentes.

Vê-se que a hydrotherapia não data de ha pouco, sem contestar-se comtudo a Priesnitz a originalidade da sua maneira de operar. Assim também as sudações no *laconicum*, seguidas de abluções ou imersões frias na piscina que occupava o centro, foram a origem do banho oriental ou russo.

Nos *thermes*, além dos leitos fixos ou suspensos servindo para repouso, por causa da saude, havia também leitos de festim nas salas da dieta, para comer depois do banho; porque entre os preparativos que se levavam para ali, não esquecia o *rosa ad vescendum* mais ou menos confortavelmente provido de munições de bocca. Estas comidas, que não eram sempre em familia, e que se encomendavam assim n'aquelle mesmo sitio tão sumptuosas como se podessem desejar, volveram-se em festas licenciosas, cujos preliminares principiavam no *apodyterium*.

Na occasião dos cataclysmos dos exercitos barbaros que devoraram Roma, os *thermes* tiveram a sorte commum, e concluiu-se a ruina d'elles pela repulsão que a recordação dos escandalos dos ultimos tempos inspirava ao proselytismo christão, que se encarregou de proscrever o uso dos banhos. A parte dos abusos que os *thermes* occasionaram é longa sem duvida, mas deve reconhecer-se que não foram d'alguma forma mais do que pontos de reflexo dos costumes d'um estado social, cujo relaxamento tinha a sua origem n'outra parte. Condemnem-se embora certas dependencias dos *thermes*, mas não se prohibam os banhos, que são, e ficarão incontestavelmente sendo um dos maiores recursos de que se pode tirar partido hygienico.

Aspecto pittoresco de Lucerna.

Lucerna é uma das tres cidades, que servem alternadamente de capital à Suissa. Situada na extremidade occidental do lago do seu nome, apresenta uma vista deliciosa ao viajante, que a contempla da parte do lago. Alguns dos seus edificios publicos, de architectura gothica, e de forma singular, sobresaindo ás mais construcções da cidade; os esbeltos campanarios dos seus templos, reatando em elevadas e agudissimas flechas; as antigas muralhas ameçadas, com as torres que as flan-

queiam; a casaria disposta em um terreno accidentado; os quintaes e jardins, quebrando com a verdura das arvores e outras plantas a monotonia das construcções; o rio Russe, que divide a povoação, lançando-se no lago; as duas pontes cobertas, que atravessam o rio, e que servem de agradável passeio aos habitantes, sobretudo na estação invernos; tudo isto forma um lindo painel, cuja belleza é ainda realçada pela risonha paizagem, que cerca a cidade, pelas serranias, que ao longe se erguem magestosamente, e enfim pelas proprias aguas do lago.

A cerca dos muros da cidade conserva-se em bom estado na maior parte da sua extensão, e constitue um dos seus melhores ornamentos pela variedade e elegancia das torres, que a guarnecem, dando a Lucerna uma feição particular. A estampa mostra uma das extremidades da cidade, e tres torres das suas muralhas.

J. DE VILHENA BARBOSA.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação.

XIII

Tudo quanto resulta da lucta da gratidão e do remorso contra o orgulho offendido, soffreu Eduardo ao acabar de ler aquella carta. Lembra-se do modo como Luiza o recebera na presença do barão; e não podia perdoar-lhe. Lembra-se do sacrificio que ella fizera para o receber assim; do amor profundo que ainda lhe habitava no coração; da doação generosa que pretendia fazer-lhe, e não podia agradecer-lhe nenhuma d'essas coisas. O remorso de ter descarregado um dia tão profundo golpe n'aquelle pobre coração torturava-o. A idéa de ser beneficiado por essa mulher, a quem tão desapiedadamente offendera, indignava-o. Commovia-o a recordação d'aquelle amor sincero, que tão mal comprehendera.

Durante as suas noites de febre, desinvoltava-se-lhe ainda no exaltado espirito outra lucta, não menos horrivel que a primeira,—a dos desejos involuntarios com as idéas de honra que o dominavam. Estava pobre, não tinha futuro: olhava para um immenso horizonte de felicidade; mas não achava o caminho que lá podesse conduzi-lo. Trabalhava muito, e d'esse trabalho apenas nasciam novos trabalhos; descansava de uns para entrar n'outros, esperando sempre um dia que nunca chegava e sempre obrigado a começar, quando lhe parecia ter alcançado o fim de tantas fadigas! Era n'esta posição — tão falto de animo e de forças, quanto abastado de desejos — que se lhe offerecia um meio poderoso de recuperar uns, e satisfazer outros: a riqueza, a felicidade, a luz nas trevas. Eduardo porém devia extinguir essa luz repentina, que lhe offerecia a caridade e o amor de uma mulher; fecliar o caminho que se lhe abria para chegar ao seu sonhado horizonte de felicidade; sepultar-se outra vez nas trevas; trabalhar até que exhalasse o ultimo suspiro no ultimo esforço do animo, illudido sempre por uma esperanza sem resultado? Devia: exigia-lhe a honra, e a lembrança de seu pae, que descera ao tumulo só rico d'essa gloria sublime dos martyres da liberdade do seu paiz, pela qual arriscara a vida e o pão de sua familia. E devia elle lançar o ridiculo sobre esse famoso brasão — de que não pendiam outros habitos senão os que a preço de sangue foram ganhos — cujo timbre era o verdadeiro amor da patria? Elle que ainda ao collo da ama vira seu pae, indicado pelo dedo da denuncia, ameaçado pela força da oppressão, trabalhar com socego pela causa da liberdade, sem esperanza no premio que não teve; sem temor da morte que o ameaçava? Devia porventura, esquecendo tão nobre exemplo, desanimar, perverter-se, e estender com avidez a mão a uma felicidade gratuita de que teria talvez de envergonhar-se um dia em face da sociedade? Não!

—E preciso não pensar que esta vida é um carnaval: não impor aos verdadeiros sentimentos a mascara da felicidade illusoria! Procuremos antes achar

essa felicidade no trabalho, e morramos trabalhando, pela honra da nossa existencia, pelo descanso da nossa consciencia, porque o trabalho é a unica virtude e a verdadeira gloria d'este seculo! Que importa o futuro, contando que trabalhemos? Vê, acaso, o marinheiro no mar alto a terra a que apra? e deixa por isso de luctar, animado pela esperanza, contra a furia dos elementos que o ameaçam? Acima do nosso juizo está o juizo de Deus; e tanto menos justo nos parecer o premio dos nossos esforços n'esta vida, tanto mais brilhante hade ser a recompensa das nossas virtudes na eternidade! Trabalhemos pois! Não é já uma verdadeira felicidade ter intelligencia, e dois braços livres para nos arrancarem ao imperio do ocio? Miseros de nós, que só chamamos felicidade ao dinheiro, á vida inculta, e ás caricias da mulher que appetecemos! Oh! bem hajam todos os meus dias de desgraça, que por elles aprecio agora a minha intelligencia, a minha liberdade! A minha liberdade!... Que! Sou intelligente e livre, e julgo-me infeliz?... Insensato! Amor!... que idéa é esta que nos torna estúpidos e indolentes? O que faz de nós esse sentimento para que mereçamos que uma mulher venha tomar parte da nossa pobreza e do nosso trabalho? Porque motivo não havemos de considerar este sentimento como o simples complemento de felicidade em nós; e, para satisfação do nosso orgulho de homem, uma idéa de bem-estar no espirito da mulher!

Trabalhar! Trabalhar para viver! Exclamou Eduardo, correndo como um louco a sentar-se em frente da secretaria, e remexendo rapidamente os papeis. E ainda que não me seja possível viver do meu trabalho, possa ao menos viver para trabalhar!...

Mas a febre devorava-o. O pensamento não esperava pela acção do braço, nem o braço conseguia pôr por obra a concepção do pensamento. No fim de quinze dias Eduardo estava doente. Parecia consumir pelo fogo da propria imaginação a que não dava outro alimento além das suas commoções.

Elisa foi visital-o acompanhada por uma amiga de familia, que havia muito tempo não via em Eduardo senão o typo do extravagante. D. Euphrasia era uma d'essas parasitas, que notamos em certas familias, que, nullidades completas, conseguiram tornar-se uteis em todos os pequenos arranjos domesticos a que as mulheres de espirito geralmente gostam de poppar-se. Indagadora, e falladora, tudo repetia em oração de pagapaço, tendo feito da estupidéz o seu espirito.

Ao vê-la, Eduardo aborreceu-se; mas a presença de Elisa em breve lhe varreu do pensamento D. Euphrasia.

— Eduardo, não sabes que estou pedida? És o primeiro a quem digo isto, não contando a familia que já sabe tudo. Gosto sempre de pagar as minhas dividas. O noivo é o barão de Villa-Rica.

— O barão de Villa-Rica! Repetiu Eduardo, com certo assombro tão mal disfarçado, que não escapou a Elisa.

— Ah... é talvez teu amigo?

— Quasi que nos não conhecemos. Não me admirei por pensar mal de um homem de quem vzes fazer teu marido, minha querida; a causa do meu assombro... perdoa, é a minha doença, a fraqueza do meu espirito!

— Pois se elle não dorme! Disse D. Euphrasia que morria por fallar. Ande lá, senhor Eduardo, nós bem sabemos que em logar de dormir de noite, anda lá não queremos saber por onde... vem então de madrugada, fazer do dia noite! E o mesmo que não dormir! noite perdida, lá diz o ditado...

— Então estás muito doente, Eduardo? atalhou Elisa voltando as costas a D. Euphrasia. Scisma tua!

— Estou melhor desde que sei que vazes casar com o barão de Villa-Rica, minha querida. Fez-me bem saber isso... já o conhecias ha muito tempo?

— Ha um anno. O barão, que não era rico, esperava uma herança para casar. Dizem-me que é boa pessoa; bem comportado; e que não faça mal em casar com elle.

— Sim; procura o teu bem-estar; e estou certo

que hasde pagal-o com muito amor. Afortunado do homem que, fazendo-te feliz, puder um dia comprehendêr bem o preço com que te custou essa felicidade. Quando casar?

— No fim do mez.

No fim do mez recebia Eduardo esta carta:

«Meu Eduardo»

« Já me não caso. A herança que o barão esperava fálhou: assim, conviemos que não devíamos dar um passo tão decisivo para o futuro que, por em quanto, bem pouco lisonjeiro se apresenta. Tua amiga

Elisa.

— E' razoavel; murmurou Eduardo. Sem dinheiro tregoas ao amor. Era a herança de Luiza que o barão esperava. Infelizmente para Elisa, impedi eu essa tentativa! E o barão é excellente pessoa! bem comportado, porque tem a estúpida felicidade de dormir todas as noites em casa; sobre a ventura de possuir um limão no lugar correspondente áquelle em que a natureza me collocou um coração tão cheio de prejuizos.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA II.

D. MENDO, ALVA, DONAS.

ALVA entra de um lado amparada por duas donas, ergue lentamente a cabeça para ver Mendo, encara-o impassivel, e depois abaixa a fronte, encasta-se para uma especie de leito de descanso, onde se assenta com as mãos nos joelhos, o olhar fixo, em completa immobildade.

D. MENDO (em quanto Alva passa) — Eis o resultado d'uma imprudencia!... E para padecer quasi tanto como ella!... Agradeço-vos, D. Alva, o virdes aqui... Não estranheis estes rumores de festa, que vos hão de doer n'alma... E' uma festa á patria, de que a patria sairá salva, tenho fé... Depois das consequencias d'aquelle meu erro... que nos fez tão infelizes... é o só amor que posso nutrir... Perdoae-me... O outro, Deus sabe o que será d'elle!... Não me ouvis, senhora?... (silencio) E' justo; roubei-vos toda a vossa ventura... para comprar com ella toda a minha desgraça... é justo... Mas tende esperanza... A estranha situação em que nos achamos não pode durar... Casados, sem sermos esposos... unidos sem amor... ambos presos por outros laços... e sabendo-o ambos!... Mandei já consultar o sabelor abbade dos Monges Negros, soberanos em Lorrão, e o senhor bispo e os conegos... E' nullo este casamento... não pode vingar... E' impossivel viver assim... Podeis ter esperanças... Eu!... não sei... Não me respondeis ainda? (silencio) Não me perdoareis nunca o mal que vos fiz?... Foi involuntario... e fui tão castigado por elle como vós... Que quereis que eu faça?... Nem uma palavra!... Todavia, senhora, é preciso que eu vos falle... Talvez dentro em pouco vejais aqui desusados acontecimentos... e eu quero explicar-vol-os, para que não ajunteis mais uma accusação ás que já lá vos andam n'alma. Vosso pae hade aqui vir em breve. (Alva parece despertar, e deixa fugir um pequeno grito que soffoca, recaindo no seu lethargo) Quem sabe?... Apar do sentimento da patria... os pensamentos nobres andam apar... Espero ajustar pazes entre as duas familias, e acabar o homisio... Quando o coração se abre para deixar sair um perdão, é possivel que deixe escapar dois. Os de Riba-Dão hão de aqui vir tambem...

ALVA (erguendo-se de salto) — Os de Riba-Dão?

D. MENDO — Os de Riba-Dão.

ALVA — Todos?

D. MENDO — Todos.

(Alva medita. Depois recae no leito, e reclinase pronomendando em...)

SCENA III.

OS MESMOS. ARCHIBALDO, depois os de Riba-Côa, D. BRITALDO á sua frente, D. GIRAL.

ARCHIBALDO (entrando) — São chegados os de Riba-Côa, D. Mendo senhor.

D. MENDO — Respeito e saude a todos! (Archibaldo sae. D. Mendo na arcada) Escudeiros, e pagens, e serviçoes da torre de Aguiar, honrae a D. Britaldo, conde e senhor das terras de Riba-Côa, e a quantos seguem seu prol.

(Entram os de Riba-Côa. Seguem-as e precedem-os fileiras de pagens e escudeiros com tochas. Atraz de cada cavalleiro de Riba-Côa o seu pagem com o capello, e o seu escudeiro com a espada).

D. BRITALDO (á porta) — Basta, D. Mendo... E' de mais a honra que nos fazeis... Aos de Riba-Côa sobeja tanto a propria que podem dispensar a alheia.

D. MENDO — Seja como fór, senhor D. Britaldo, folgo de vos ver em meu alcaçar. — Permitti só que lamente a falta de vosso filho Castinaldo.

D. BRITALDO — Castinaldo hade ter recebido já as minhas ordens, e não falta aqui: é filho obediente.

D. MENDO — Acercae-vos, senhor, acercae-vos... Mercê vos dou por serdes o primeiro em aceitar o convite de paz e de perdão... Convem isso a quem é sempre o primeiro nos encontros de guerra. (adiantam-se. D. Britaldo dá com os olhos na filha; pára de subito).

D. BRITALDO — Uma mulher!... Uma mulher!... Eu não vim procurar senão homens, D. Mendo. Adeus. (partindo).

D. MENDO (entre elle e a porta) — D. Britaldo, vós, que heis visto sem pavor tantos campos de batalha, tereis ora medo de encarar uma dama... semi-morta? (Alva ergue o rosto para o pae; recua todos ao seu aspecto).

D. GIRAL — Jesus, Deus Senhor... olhae, conde!...

ALVA — Meu pae!

D. BRITALDO — Adeus! (sem voltar o rosto, querendo sair).

D. GIRAL — Repara, conde, repara.

D. BRITALDO — Quereis? seja. (adianta-se) Que pretendes de mim, senhora?

ALVA (caindo do leito a seus pés) — Ver-vos, ver-vos, meu pae.

D. BRITALDO (encarando-a, e recuando) — Oh! misera... misera!

ALVA (arrastando-se para elle) — Meu pae!

D. BRITALDO — E' esta a minha filha, D. Mendo?

D. MENDO — A isto a reduziu a minha imprudencia e a vossa crueldade.

D. BRITALDO (caindo assentado do lado opposto ao de Alva, tapando o rosto com as mãos) — Desgraçada!... Mais valia mata-la!

D. MENDO — Retiremo-nos, senhores. A dôr de um pae, e a magoa de uma filha são sagradas... Respeitemos os coraçãoes que padecem, e o santo pudor d'aquellas almas. (saem. Cerram-se as portas).

SCENA IV.

D. BRITALDO, ALVA.

D. BRITALDO está sentado no extremo da scena. ALVA de joelhos junto ao leito do outro lado.

D. BRITALDO — Não posso... não lhe perdoo... (ergue-se e olha em roda) Deixam-me só... para não verem a minha fraqueza... Vamos... vamos... (quer sair).

ALVA — Quem hade ter piedade de mim, senhor?

D. BRITALDO — Rica Dona de Faria, não é de joelhos que deveis receber os hospedes que entram em vossa casa... Erguei-vos, senhora.

ALVA (com esforço, recaindo) — Não posso.

D. BRITALDO — Deus meu!

ALVA — Deixaríeis vós de estender a mão ao mendigo prostrado no caminho?... A vossa mão, senhor pae... a vossa mão!...

D. BRITALDO (chegando-se e dando-lhe a mão) — Está muito fraca tambem... Verga-a... vergava-a agora o peso de uma espada.

ALVA — Hade ter força ainda para amparar uma filha. (toma-a, e cobre-a de beijos) E a mão que me expulsou uma vez, (ergue-se, segurando-se á mão que a mãe estende) mas abençoou-me tantas!... (enlaça os braços em volta do braço de seu pae).

D. BRITALDO (sem encarar-a) — Para onde desejares que vos guie?

ALVA (indica o leito) — Para ali.

D. BRITALDO (depois de a ter conduzido) — E agora que mais quereis?

ALVA (desfallecida) — Um punhal!... qualquer ferro... alguma coisa que mate depressa...

D. BRITALDO — Chegaste ja a esse ponto, desgraçada?

ALVA — Pois não vêdes?

D. BRITALDO — Não vejo... (limpando silencioso os olhos) Cegam-me as lagrimas!

ALVA — E eu nem chorar posso!... tenho o coração e os olhos seccos... E caridade a morte!

D. BRITALDO — E pedes-me que te socorra para morrer?

ALVA — Que quereis que eu faça?... Pois não sabeis, senhor... Quando consenti em ir ao altar com D. Mendo, a minha tenção era matar-me... Eu bem sabia que não podia viver assim!... Tinha um veneno prompto... guardava-o ha muito para quando descobrisseis o meu erro... o verdadeiro... Mas vós fechastes-me a vossa porta, e com ella o meu remedio. Não pude. Quando para aqui vim...

D. BRITALDO — Não pensaste mais n'essa loucura?

ALVA — Não me deixaram... Acompanham-me noite e dia... não me deixam... Não comprehendes este horror do meu mal?... Não poder existir, nem conseguir acabar!...

D. BRITALDO — E' horrondo, é!

ALVA — E!... e cumpre dar-lhe fim! (arranca-lhe o punhal do cinto).

D. BRITALDO — Que fazes, filha, que fazes?

ALVA — O que vós mesmo teríeis feito, se houvesseis adivinhado esta perdição!

D. BRITALDO — Não, filha, isso não! (tira-lho).

ALVA — A quem já não tem força para viver, quereis vós tirar a força de morrer?

D. BRITALDO — Hasde viver, filha, hasde viver... vive... Eu heide perdoar-te...

ALVA — Ah!

D. BRITALDO — Perdoo-te!...

ALVA (arremecendo-se ao pescoço do pae suffocada) — Ai! senhor! (deslizando-lhe pelo peito, e caindo-lhe aos pés com as mãos do ancido fechadas nas suas, e os olhos pregados no seu rosto) O vosso perdão veio muito tarde, meu pae!... Estou casada com D. Mendo!

D. BRITALDO — O concilio dos conegos pode annullar o casamento.

ALVA — Mas eu tenho chorado tanto, tenho padecido tanto, tenho-me despegado tanto da vida... que já não sei se posso amar...

D. BRITALDO — Nem teu pae, filha?

ALVA — Vós? vós!...

D. BRITALDO — Encosta-te a mim, Alva... (conduzindo-a) Anda... encosta-te... descansa. (ella pende-se-lhe ao braço).

Continua.

O lyrio e a rosa.

N'UM ALBUM.

Des plus tendres amans voilà quel est le sort!
Toujours leur passion trouve un injuste obstacle:
Et pour les rendre heureux il faut quelque miracle.
DESTOUCHES, le Philos. marié.

I

À margem d'uma ribeira
Erguia-se um fresco lyrio
De roxa côr desmaiada;
Defronte, n'uma roseira,
Jazia uma rubra rosa
Tão formosa
Como a fresca madrugada!

Triste o lyrio á corrente,
E á aragem que o afagava,
Contava o seu duro fado;
Triste a rosa, docemente
Do ribeiro ás lisas águas
Narrava em choro pranteado!

Pelo abysmo separados
Maldiziam o destino
Que antes os devera unir;
Longe um do outro, isolados,
Espargiam em lamentos
Os tormentos
Que os fazia assim carpir.

N'aste a rosa debruçada
As aragens que passavam
Um suspiro ao lyrio enviava;
Mas a aragem obstinada
O prado lesta corria
Proseguia
Sempre, sempre, e não voltava!

O lyrio, da haste erguida,
As ondas que o rodeavam
P'ra rosa um suspiro dava.
Mas a vaga enfraquecida
Afastava-se, corria
Fallecia
E nunca á rosa chegava!

Té que um dia sobre a rosa
Doidejante borboleta,
Cansada, veiu poisar.
Exultou a flor vaidosa,
E o insecto acarinhando,
Em tom brando
Lhe contou o seu pezar.

Respondeu-lhe o branco alado:
— Se por isso é que tu penas
Folgar podes n'este instante.
Irei d'este ao outro lado
Annunciar ao roxo lyrio,
Que o martyrio
Seu, acabou d'ora ávante!

— Levar-lh'ei esta mensagem,
E sp'rarei sua resposta,
E virei dar-te afanosa,
Mais ligeira do que a aragem,
Esse — sim — tão anhelado
Desejado
Por ti, minha linda rosa! —

E foi-se o ligeiro alado
A outra margem da riba;
Momentos depois voltou
A dar conta do passado,
Entr'elle e o lyrio, á rosa,
Que orgulhosa
D'amar o lyrio ficou!

II

Dias muitos no passado
Se sumiram, de ventura
Para o lyrio e para a rosa.
O primeiro, namorado,
Perdido havia a tristura
Tão sentida e luctuosa,
Que lhe era o funebre adorno
Da pallida formosura!
A segunda ardendo amores
Da paixão com o excesso
Desbotado um pouco havia,
Comparada ás outras flores,
O carmim que tinha impresso
Em signal de galhardia,
No semblante alegre e vivo,
Da paixão em o começo!

III

Tudo isto assim corria
Quando n'um bello dia,

Desalmada ceifeira,
Que passou n'ela n'ada
Diante da roseira.

Que mimo tão galhardo
P'r'o meu fiel Bernardo,
Ai! vejam que primor!
E galgando o regato
Foi com todo o recato
Colher a rubra flor.

Muito perto n'outra rosa
Estava a mariposa,
Que ao lyrio revelara
O amor da desgraçada,
Que ora a desalmada
Ceifeira decepará!...

IV

De más novas mensageira
Não era a borboleta,
Por isso em vez de ligeira,
Ir ao lyrio tal noticia
Dar, os passos da ceifeira
Foi seguindo, esvoaçando;
Sobre a rosa que a camponia
Entre o seio arrecadada
Levava, bem recatada,
Poisando de quando em quando.

V

A fatal superstição
Da mulher era o defeito,
Reparando pois no insecto,
Que a seguia pertinaz
A rosa tirou do peito,
E a arrojou ao meio do chão.
— «Vae-te flor amaldiçoada
De bem não lhe servirás;
Que foste mal agoirada
P'la bocca de Satanaz!

VI

Sósinho, no ermo prado,
Triste o lyrio namorado,
Pouco a pouco em dór e maguas
N'aste se foi definhando;
Já nas espelhentas águas
Da riba não se revia,
P'ra elle era noite o dia,
Noite tão medonha e negra
Qual a dór que o consumia.

«Selvas, arvores e flores
Da soidão o ornamento,
Vós que meigas me rodeaes;
Se qual eu também amaes,
Vinde ouvir o meu lamento,
Vinde ouvir meus tristes ais!»

«Amanhã, quando o arrebol,
Primeiro da madrugada
Este prado illuminar,
Quando o alegre rouxinol
Em melliflua toada
Do astro luzente, do sol
O erguer vier saudar,
Na margem d'este regato
Só verão, em vez do lyrio,
Sobranceiro ás mansas águas,
Da solidão como ornato
Triste estatua do martyrio!»

E no outro dia d'aurora
Ao erguer, em vez da flor
Em que o fado roxa cõr
Imprimira, de tristeza,
Um'aste apenas, quebrada
Pela aragem baloçada
Do ribeiro erguido á margem,
Se via, só... e mais nada!...

Amores ha n'este mundo
Quaes os da rosa e do lyrio
Dór só, e pezar profundo.
Na existencia magta dura
Lhes assiste, e nada mais!
A alma roubam na ventura,
E seus tristes esponsaes
Quasi sempre se celebram
No seio da sepultura!

H. VAN-DEITERS

Dedicada a meu pae por occasião da morte de minha presada irmã.

PORQUE CHORAM?

Demos tregua al dolor...
D. M. A. ROBLEK.

Porque choram?! — Que motiva
Tanta dór — tanta afflicção? —
E' por já não ser captiva
D'este mundo falso e vão,
Aquella alma idolatrada?
E' por deixar este nada,
Aquella virgem mimosa,
E subir á patria amada,
Ao ceo, onde agora habita?
E' por trocar a desdita
Em que sempre abunda a terra,
Pela doce f'licidade
Que Deus dá na eternidade?
E' por fugir d'este mundo,
Que tanta maldade encerra,
E por isso indigno d'ella?
Esse desgosto profundo,
Que as almas veste de lucto,
E' saudade de perdel-a,
E' derradeiro tributo,
Que a vida á morte concede?...

.....
Não chorem, pois! — Tudo cede
Ante a força da razão.
Não me julguem indiff'rente
Que o não é a dór do irmão!...
— Era um thesouro emprestado,
Foi-nos, emfim, reclamado! —
Á vontade Omnipotente,
Qual, se lhe havia de oppór?
Oh! pae, vence a tua dór,
Bem sei que é justa... — Avalio
A tua alma pela minha
Onde a saudade se aninha...
Mas Deus o quiz!... — Existiu...
Penou; penamos!... Morreu...
Chora a terra — exulta o ceo!...

J. C. DA COSTA.

Ultimamente em Inglaterra as instituições religiosas tem consideravelmente augmentado: em 1847 existiam oito mosteiros, e trinta e quatro conventos; em 1851 existiam trinta e quatro mosteiros, e cincoenta e tres conventos.

Anecdotas.

Certo parochio, para se ver livre de muitas pessoas que queriam confessar-se a elle, annunciou, á missa conventual, que ás segundas feiras confessaria os mentirosos; ás terças os avarentos; ás quartas os calumniadores; ás quintas os ladrões; ás sextas os libertinos; e aos sabbados as mulheres de procedimento irregular.

Teve bom exito o plano: ninguém appareceu.

Os negocios estão maus, é necessario fazer render o que ha em casa, dizia um taberneiro quando baptisava o vinho.

Pergunta.

Em que se parecem os dentes com os verbos?